



2018/02/05

Davos e o regresso à geopolítica

Alexandre Reis Rodrigues

Os Fóruns Económicos de Davos tornaram-se um ponto de encontro quase “obrigatório” para os mais altos e influentes dirigentes dos variados setores da atividade mundial: chefes de estado e de governo (foram 70, este ano), políticos, líderes das grandes organizações internacionais, economistas, empresários, comentadores, jornalistas, etc. Alguns estão presentes para ajudar a criar um ambiente que seja favorável à prossecução das suas políticas, “abrir portas”, como se costuma dizer. Muitos – principalmente, os pragmáticos - olham-nos como uma oportunidade de contactos bilaterais, que de outra forma seriam muito mais difíceis de organizar. Outros, com menos ambições ou mais realistas, estão principalmente interessados em perceber as tendências prevalecentes.



O encontro de 2017, foi usado por XI Jinping para “vender” a imagem de defensor da globalização e de aderente à ordem internacional liberal, com o intuito de facilitar a aceitação da China como potência global e desmontar receios que se acumulam sobre as suas verdadeiras intenções. Nomeadamente, a de que está a tentar alterar a atual ordem em função dos seus interesses, sob o argumento de que, tendo sido mantida à margem do processo, não tem qualquer compromisso com o modelo adotado. Deixando de lado os que ouviram tudo com reservas, seria interessante saber o que pensam hoje todos os que ficaram esperançados com as promessas de abertura, mas que nada viram alterar-se.

O deste ano, para os EUA - que desde 2000 (Clinton) não estavam presentes ao mais alto nível - terá sido encarado como uma oportunidade única para explicar o que significa a doutrina “*America First*”. O investimento feito incluiu o acompanhamento de Trump pela maior delegação desde sempre a estes encontros, todos a tentar passar a mensagem de que a ideia “*America First*” não pretende dizer “*America Alone*”.

Trump tinha uma tarefa difícil porque “o seu mundo” pouco tem a ver com o “mundo” que os organizadores do encontro pretendem criar e com uma maioria preocupada com a deterioração da situação geopolítica do mundo, com uma eventual perturbação da ordem mundial e contra, em geral, tudo o que possa agravar as tensões existentes. Ou seja, apreensiva com tudo que possa afetar a marcha dos negócios e comércio internacional.

Usando um discurso que tentou ser mais conciliatório do que geralmente se espera, Trump esclareceu que “*America First*” não significa uma posição isolacionista e que os EUA têm muito a dar para melhorar a economia mundial. Significa, no entanto, que quer mudar os termos do relacionamento que tem sido mantido e que avalia

como “injustos” para os EUA. Na prática, esta mudança passará, entre outras medidas, por substituir os acordos regionais por acordos bilaterais.

Certamente tendo presente que estava num encontro promovido por globalistas, Trump tentou amenizar os aspetos mais contestados das suas posições (nacionalista, anti-imigração, opositor dos compromissos ambientais de Paris). Resta saber, porém, que imagem conservarão os destinatários do seu discurso. Se a que tentou promover em Davos ou a constante da nova estratégia de segurança nacional, quando se diz que o que os EUA têm de fazer é, sobretudo, preparem-se para o regresso da geopolítica, com a China e a Rússia na linha da frente das suas preocupações.

Aliados e amigos dos EUA encaram a situação com alguma ansiedade. Macron foi muito direto ao dizer exatamente o contrário, reconhecendo que a França só será grande se conseguir fazer com que a Europa também seja. De resto, ficou também a preocupação com a secundarização das ameaças assimétricas porque, não obstante a menor prioridade que a estratégia nacional de segurança dos EUA lhes atribui, o facto é que continuam a existir e a exigir cada vez uma estreita cooperação internacional, que Trump não valoriza.

Com esta situação torna-se difícil concluir que se tenha dado qualquer passo útil no caminho que o tema do Fórum procurou consagrar: “*Creating a shared future in a fractured world*”. Christine Lagarde foi uma das presenças de peso que se referiu a este assunto, quando lembrou que malgrado a atual “boa saúde” da economia mundial – que se espera que se prolongue por este ano e próximo - um quinto das economias mundiais sofreram um declínio em 2017.

No prazo imediato, tudo parece estar a correr bem. A economia mundial continua a crescer (3,2% em 2016, 3,7% em 2017, previsto 3,9% para 2018), mas, segundo uma avaliação recente organizada pelo Fórum, 93% dos 1000 peritos consultados revelaram esperar um crescendo de confrontações políticas e económicas, 79% atribuíram alta probabilidade à possibilidade de conflitos militares e 73% mostraram-se apreensivos com uma possível erosão das regras do comércio internacional.

Em resumo, começa-se a falar de sinais de que alguma tempestade possa estar a caminho e nem todos se encontram preparados para o embate. Aprofunda-se o ceticismo de muitos economistas que não reconhecem ser este crescimento sustentável e se mostram preocupados em não ver qualquer progresso na procura de fazer chegar os benefícios da globalização a todos e de forma mais equilibrada.¹

Muitas razões para deixar nervosos os mentores do Fórum de Davos. Joseph Stiglitz, que recebeu o Prémio Nobel da Economia em 2001, presença regular destes encontros, resume a situação desta forma:

«*The CEOs of Davos were euphoric this year about the return to growth, strong profits, and soaring executive compensation. Economists reminded them that this growth is not sustainable, and has never been inclusive; but in a world where greed is always good, such arguments have little impact.*»

¹ Larry Fink, líder da “Black Rock”, líder global na gestão de investimentos, gestão de riscos e consultadoria, entrando em recomendações, conseguiu surpreender dizendo o seguinte: “*Society is demanding that companies, both public and private, serve a social purpose. To prosper over time, every company must not only deliver financial performance, but also show how it makes a positive contribution to society.*” Mas a retificação não tardou, para desapontamento de muitos, ao acrescentar depois: “*The most important thing I said, and I repeated maybe three times. . . . Profits are paramount to everything a company does.*”